



ANÁLISE DE DISCURSO DO LIVRO O MAR E A SELVA: RELATO DE UM INGLÊS NA AMAZÔNIA

DISCOURSE ANALYSIS OF THE BOOK THE SEA AND THE JUNGLE

Eliana dos Santos Morato Baraldi
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: eliana.baraldi@hotmail.com

Élcio Aloísio Fragoso
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: elciofragoso@unir.br

Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: mpimentel9@gmail.com

Resumo

Este artigo fundamenta-se na perspectiva teórica da Análise de Discurso e tem como objetivo usar a teoria de linha francesa para aplicar na análise do texto. Esta teoria foi fundada na década de 60 do século passado por Michel Pêcheux e seus colaboradores Michel Plon e Paul Henry. No Brasil, esta teoria é desenvolvida, sobretudo, a partir dos estudos de Eni Orlandi, que promoveu uma (des/re) territorialização dessa disciplina entre nós. Esta análise pretende compreender por que a região Amazônica sempre foi um dos lugares preferidos por estrangeiros em viagens pelo mundo. A obra *O Mar e a Selva, Relato de um inglês na Amazônia*, do jornalista, Henry Major Tomlinson, tradução regionalizada de Hélio Rocha, registra entre dezembro de 1909 e março de 1910, a transformação drástica ambiental, os grandes conflitos entre os ditos civilizados e os nativos. Tomlinson descreve a legendária construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM, que por terra atravessaria, onde não era possível a navegação nos trechos encachoeirados do Rio Madeira ao Rio Mamoré. Considerava-se o avanço à modernidade, por isso, possibilitava as práticas discursivas do capitalismo na Floresta Amazônica. Nessa perspectiva, buscamos descrever e interpretar a materialidade linguístico-histórica dessa produção literária, fundamentados no referencial teórico supracitado, visamos analisar recortes que constituem o corpus de nossa pesquisa. Com esses discursos ideológicos e estereotipados sobre a região Amazônica no imaginário popular.

Palavras-chave: Relato. Análise de Discurso. Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Amazônia. Ideologia

Abstract

This article aims at studying the theories mainly about Michel Pêcheux, their partners Michel Plon and Paul Henry. Guided up by Orlandi conception and similar authors with the same references. This analysis is to understand why the Amazon region was one of the favorites places to visit in travels around the



world by foreign people. The book: *O Mar e a Selva, Relato de um inglês na Amazônia*, by journalist, Henry Major Tomlinson, translated by Hélio Rocha, register that between December 1909 and March 1910, the drastic environmental transformation, the biggest conflicts between the called civilized and the natives. Tomlinson describes the legendary construction of the Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM, that by road crosses the Rio Madeira's waterfall to Rio Mamoré. Considering the progress to the modernity that performed the discursive practices from capitalism in the Amazon Forest. This article aims at analyzing these ideological and stereotyped discourses about the Amazon region in the popular imaginary.

Keywords: Report. Discourse Analysis. Estrada de Ferro Madeira - Mamoré. Amazon. Ideology.

Introdução

Neste estudo, fizemos uma Análise de Discurso da obra *O Mar e a Selva, Relato de um inglês na Amazônia*, cujo autor é Henry Major Tomlinson, e que Hélio Rocha fez uma tradução regionalizada, com vocábulos de características amazônicas.

O Presente estudo emergiu de uma grande preocupação ao constatar, como professora do ensino fundamental, no Colégio Tiradentes da Polícia Militar, nos eventos de comemoração dos 100 anos (2/10/2014) de Porto Velho, o acanhamento de vários alunos para assumirem que são nascidos em Porto Velho. Ao perguntar quem é portovelhense, muitos ergueram as mãos (tímidos) e baixaram rapidamente, outros afirmaram que são, mas não gostavam de ser daqui, porque só falam mal da cidade e das pessoas que aqui moram, pois, a má fama (do lugar) repercute no Brasil e em outros países colonizadores. Dizem que o povo e a cidade são sujos, têm muitos bandidos e aventureiros. Parece até os mesmos discursos que ouvia quando cheguei com a minha família, nesta cidade, na década de oitenta do século XX. Outros, receosos, disseram que gostavam daqui porque tem banhos (igarapés) maravilhosos e frutas exóticas deliciosas. Nenhum aluno, para minha frustração, falou das pessoas trabalhadoras de Porto Velho, ninguém se pronunciou em defesa da sua procedência (de sua cidade natal), como se costuma fazer imediatamente em outras localidades, por exemplo, em todos os lugares há pessoas boas e más, ou em todas as capitais brasileiras há violência em menor ou maior índice.

Por que esse discurso de banalização e desvalorização ecoa através dos tempos? Desvirtuando o sentimento identitário, desde a fundação de Porto Velho, e



produzem sentido até hoje? Por isso, a vontade de analisar esta obra *O Mar e a Selva, Relato de um inglês na Amazônia*, pelo viés da Análise de Discurso, de linha francesa pechetiana, trazendo os recortes desta obra para compreender melhor esse fenômeno histórico-social.

A relevância deste artigo está além de apreciar textos literários que tratam das relações interétnicas, sócio-históricas e de identidade, mas compreender as práticas discursivas, no relato do jornalista inglês, o modo como esses discursos funcionam como referência básica no imaginário constitutivo popular, naquele período marcante que deu início ao município de Porto Velho. O estudo de literatura é muito mais do que puro entretenimento; ele é compreendido em relação à formação social de um povo, de sua identidade e na compreensão de diferentes outras culturas que devem ser respeitadas. O cultivo social da valorização do humano por outro ser humano. Mais que isso, o estudo da literatura nos permite compreender a institucionalização dos sentidos e por esta via entendemos que a literatura participa da própria construção da sociedade e da relação que os sujeitos mantêm com a linguagem e com os sentidos. A nossa história pode ser contada de diferentes formas e pode ser compreendida através de diferentes propostas de análises, por isso, apresentamos neste texto os dispositivos teóricos da Análise de Discurso, já que, por seu viés, trabalhamos com uma materialidade complexa, simultaneamente linguística, histórica e ideológica.

Conforme posicionamento de Fragoso (2014, p. 69), o objetivo da Análise de Discurso é a compreensão do processo de produção de sentidos:

Nosso objetivo é descrever e interpretar o funcionamento do discurso literário, relacionando suas marcas e propriedades às condições de produção deste discurso para que se compreendam os processos de significação aí inscritos. Partimos do princípio de que o discurso literário tem uma forma material que é histórica (relação língua- exterioridade) e seu funcionamento deve ser descrito, referindo-se a esta relação entre língua e história para a compreensão do processo de produção de sentidos. A nossa questão é distinguir como os sentidos são produzidos e sustentados, observando a materialidade linguística-histórica das discursividades literárias (FRAGOSO, 2014, p.69).

A realização deste texto partiu do pressuposto de que podemos relacionar os estudos da Análise de Discurso aos relatos de viagem, com as discussões sobre como os sujeitos reproduzem os discursos por longos anos, décadas, séculos... Como esses



discursos se reproduzem? O que determina essa reprodução? É o que pretendemos compreender no decorrer da análise.

Orlandi (2003, p. 11) diz que: “Um recorte é o resultado da relação entre a pergunta básica do analista e o material da Análise de Discurso. Os recortes indicam características dos processos de significação”.

O referido corpus, os recortes discursivos, desta obra analisada, envolve literatura e relato de viagem no âmbito da Amazônia, Rondônia e principalmente a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em Porto Velho, sob o viés da Análise de Discurso. “O trabalho parte da compreensão e não apenas reflexão, pois trata-se de um gesto de interpretação que está na base da produção de sentidos do texto como várias práticas simbólicas e práticas discursivas que intervêm no mundo e que intervêm no real do sentido”. (ORLANDI, 2012, p. 25).

Breve estudo sobre a Análise do Discurso

Passaremos, então, a fazer um breve estudo deste domínio teórico a que nos filiamos neste trabalho: a Análise de Discurso, as regiões de conhecimento que estão na base da constituição desta teoria. Iniciamos com Marx e a teoria do Materialismo Histórico - Dialética. O marxismo entende a ideologia como mecanismo de formar a realidade, um discurso ideológico que serve para dar legitimidade e reproduzir o poder da classe dominante.

Michel Pêcheux era discípulo de Althusser, influente filósofo do marxismo francês. Althusser opera uma releitura de Marx, na questão da ideologia, como “falsa consciência”. “A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa, da realidade [...] Não é o Estado, como pensava Hegel, que cria a sociedade civil: ao contrário, é a sociedade civil que cria o Estado”. (MARX, 1996, p. 11)

Na primeira parte de Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (1970 p.43-45), Althusser afirma que, numa sociedade de classes, para manter a sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Essa dominação se efetiva, pois, através de dois mecanismos de operação da ideologia: Primeiro, citamos o ARE (Aparelhos Repressivos do Estado) – o Exército, a Polícia, a Justiça, os Tribunais, as Prisões, o Governo, a Administração, etc. O segundo mecanismo é o

AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) – o da Igreja, o Familiar, o Escolar, o Jurídico, o Político, o Sindical, o Cultural e da Informação etc. Esses dois mecanismos intervêm ou pela repressão ou pela ideologia, a fim de submeter a classe dominada às relações e condições de exploração. Os efeitos de sentido produzidos no discurso são mostrados pela história, por efeitos ideológicos, como se os efeitos do discurso fossem neutros. Sabemos que não o são.

Para Foucault (1971) “o sujeito não é a causa, a origem do fenômeno linguagem, mas as diversas possibilidades de subjetividade, que ele pode manifestar”. Esta característica contribui de modo significativo para a Análise do Discurso. Pêcheux, fundamentado em estudos foucaultianos, reelabora o conceito de processo discursivo, este consiste em inscrever tal processo em uma relação ideológica de classes. Preconiza, com o apoio de Henry, dedicado estudioso da psicanálise, ele complementa a teoria de Pêcheux, em alicerces de Lacan, sobre o conceito de imaginário, este fez releituras de Freud. Com base nessas teorias, Pêcheux fundamenta seus estudos em três regiões de conhecimento: A Teoria materialista histórico-dialética (teoria das formações sociais) a Teoria Linguística (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a Teoria do Discurso (como determinação histórica dos processos semânticos). Esses três domínios do conhecimento estão atravessados pela Teoria da Psicanálise (o sujeito, termo lacaniano, afetado pelo inconsciente). É primordial dar ênfase as três noções: da formação discursiva, da condição de produção e da formação ideológica porque formam os princípios teóricos da Análise do Discurso. Para Pêcheux (1975), o sujeito do discurso não é origem, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, isso significando o fenômeno da interpelação do indivíduo, pela ideologia, em sujeito do seu próprio discurso. Pêcheux retoma seus estudos sobre as Formações Discursivas de Foucault e o ressignifica, reformula e irrompe associado à noção de formação imaginária.

A Formação Discursiva conforme Pêcheux (1995) é definida como:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1975, 160)



Orlandi (1999, p. 45) diz que “a ideologia faz parte é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”, por isso, a importância de estudarmos Pêcheux (1995) para compreendermos melhor porque o autor considera a ideologia como a matriz do sentido:

[...] as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas para aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas (PÉCHEUX, 1995, p. 160).

O discurso constitui-se em seus sentidos porque tudo que o sujeito diz se inscreve em uma Formação Discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por isso, os sentidos são sempre determinados pela ideologia, isto é, a ideologia produz seus efeitos no discurso, materializando-se nele.

Os navegantes estrangeiros voltados à Amazônia

A Amazônia sempre foi alvo de diversos autores oriundos das mais longínquas partes do planeta. Navegantes, cientistas, intelectuais, inclusive homens da mídia, curiosos e aventureiros eram atraídos pelos mistérios das florestas densas, rios exuberantes que parecem mar, essas riquezas naturais exóticas eram relatadas com ostentação nos escritos sobre a Amazônia. Por isso, os olhares de todo o mundo voltaram-se para essas ditas regiões “selvagens”, para o “El Dorado”, o verdadeiro “Paraíso Bucólico” e paradigmas, como por exemplo, do “Paraíso Perdido”, as paisagens magnetizadoras do “Paraíso Tropical”. E as descritas por outras posições dos sujeitos como: “O Inferno Verde”, as tragédias amazônicas em “A Ferrovia do Diabo” e “Ferrovia da Morte”, mitos passaram a ser legitimados com as literaturas dos relatos de viagem.

Em uma outra perspectiva teórica, a pós-colonial, Neide Gondim (2007), autora e pesquisadora dos discursos Amazônicos, afirma que esses mitos foram reforçados por intermédio de diversos viajantes, nas suas escritas criaram estereótipos sobre a região, surgindo assim a ideia de que um suposto desenvolvimento seria muito bom para à Amazônia. Essa relação de relatos trágicos e de atos heróicos, de narrativas de batalhas e vitórias contra as dificuldades que a floresta e os indígenas representam, tornou-se parte integrante do senso comum europeu.

Rocha (2014) afirma que o relato de viagem se iniciou em 19/12/1909, em que o jornalista inglês zarpuou no navio transatlântico England, um cargueiro a vapor (em sua construção literária o navio é apelidado de Capella) de três toneladas. Saíram de um dos maiores portos de carvão, em Swansea, capital do País de Gales, depois de uma árdua travessia no Oceano Atlântico, no dia 7/01/1910, desembarcaram em Belém do Pará. No dia 30 de janeiro, chegaram às proximidades das margens do Rio Madeira em Porto Velho, Rondônia e ancoraram, não puderam desembarcar porque o porto provisório e uma ponte - cais, como se refere o autor/tradutor, não estavam prontos. O “Capella” estava carregado de materiais para a EFMM e suprimentos para os trabalhadores, o ponto inicial era três milhas¹ abaixo de Santo Antônio.

Conforme tradução de Rocha (2014, p. 184), Tomlinson, já conhecia parte da história da construção da EFMM, que causou uma taxa de mortalidade mais alta do que a da África do Sul ou da Guerra Civil Americana.

Discursava-se que a grande importância da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM era para “povoar” a Amazônia (negando a existência de habitantes indígenas). Orlandi (1990, p. 52) explica que se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam fazer funcionar o trabalho significativo de uma outra Formação Discursiva.

A perspectiva do discurso republicano de integração nacional, isto é, integrar a Amazônia ao resto do país, preservar fronteiras, reativar o comércio, ampliar a comunicação com as redes telegráficas através da Comissão Rondon², enfim, levar o desenvolvimento e o progresso. Orlandi (1990) comenta sobre a zona de contato entre índios e brancos:

A marcha colonizadora para Oeste e penetração das comissões de limites, comissões responsáveis pela instalação de linhas ferroviárias e telegráficas, assim como as expedições etnológicas e geográficas caracterizam esse período extenso e profundo contato entre brancos e índios. Acontecimentos importantes vão-se dar em relação a uma cultura dita “primitiva” – e aqui entende-se o termo primitiva como selvagem e não como primeira. (ORLANDI, 1990, p. 60)

¹ Milhas: medidas marítimas de 1.853,23 m

² Empreendimento que ficou conhecido sob o comando do, ainda, Major Cândido Rondon



Essa “integração nacional” era essencial para quem? Os nativos inseridos em outra Formação Discursiva, faziam a resistência, a qualquer custo, era uma invasão desumana do seu território que estarecidos, lutavam, se rendiam ou pereciam.

Os discursos estabelecem uma história. Conforme Paul Henry (1992), a história em nossa perspectiva discursiva, não se define pela cronologia, nem por acidentes, nem tampouco evolução, mas produção de sentidos.

Tentativas Recomeços, Caos na Amazônia

A história da efetiva construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré tem um período de duração de 190 (cento e noventa anos), de 1722 a 1912, tendo completado 366 km de estrada de ferro (Ferreira, 2005), mas as discussões e estudos começaram muito antes.

No relato, Rocha (2014) comenta sobre o discurso preconceituoso de Tomlinson: “os trabalhadores recrutados para a construção da EFMM eram norte-americanos, alemães, poloneses, franceses, portugueses alguns espanhóis e uma multidão de negros e negras. Esse recorte discursivo evidencia o racismo europeu porque ele cita as várias nacionalidades, não registra as diversas nacionalidades dessa “multidão de negros e negras”, como: antilhanos, barbadianos, jamaicanos, etc...

Cabe aqui nossa retratação para essas famílias, merecedoras do nosso respeito, aos trabalhadores que perderam suas vidas em nome do progresso. E ainda hoje há remanescentes em Porto Velho e cidades vizinhas, Guajará-Mirim, Jaci-Paraná e outras. Eram tantas pessoas, que Teixeira & Fonseca (2001) dizem: “Estavam recriando na Amazônia, o mito bíblico de uma nova Babel do imperialismo”.

Os barbadianos eram diferenciados culturalmente, porque foram colonizados pelos ingleses, eles se sentiam superiores em relação aos outros negros, aos locais e até mesmo a elite branca, também sofriam preconceito tanto com a cor como pelo comportamento, como explica Sampaio (2010) a respeito das considerações feitas por locais ao verem a chegada dos barbadianos:

[...] naqueles negros havia um ar de superioridade maior do que a dos ingleses e norte-americanos, na verdade, sofrem preconceitos de todos os lados, os demais estrangeiros brancos, e com uma posição mais privilegiada

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 46-60, 2018

na companhia ferroviária, tendem a tratar com distância os negros, por considerá-los trabalhadores menos qualificados; e os nativos por sua vez se ressentem do grau de escolarização, da estreita ligação de uma parte do grupo com o alto escalão da administração, de falarem um idioma desconhecido por eles, da postura altiva, da elegância com que se vestiam, pois mesmo sob o calor rigoroso característico da Amazônia eles trabalhavam de terno ou de calça e camisa de linho, além do chapéu (SAMPAIO, 2010, p. 38).

As Aventuras do Jornalista Inglês na Amazônia

Rocha (2014), em sua tradução, relata a chegada de Tomlinson ao Brasil. Tomlinson e parte da tripulação desembarcaram no Pará e ficaram somente um dia em Belém. Como o protótipo de cidadão europeu, em seu discurso ideológico, (da descoberta, da conquista ou da dominação), aparece na primeira descrição dos habitantes:

Os paraenses, passando ao largo, no calor com um jeito preguiçoso de andar, que logo fui impelido a imitar, eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses. O português, o negro e o indígena podiam ser vistos ali, mas raramente era um tipo fiel de alguém. Exceto onde o negro era fator predominante, os homens tinham o corpo empobrecido, pálido, frágil e apático, embora houvesse alguns arruaceiros morenos e musculosos na faixa litorânea. (ROCHA, 2014, p. 135)

Esses discursos ecoam através dos séculos e resultam de como os europeus, em contato ao Novo Mundo, vão codificando e padronizando uma forma de conhecimento sobre um modelo de ser brasileiro. Rocha (2014) relata que entram rumo ao rio Amazonas (o rio-mar), pelo rio Madeira até Porto Velho. Não puderam desembarcar, pois o porto provisório não estava pronto e ficaram ancorados.

Segundo Ferreira (1987), há uma comparação entre o número dos “dormentes” corresponder ao número de mortos na construção da ferrovia. Há controvérsias, conforme pesquisa do historiador e professor Francisco Matias, nos 366 quilômetros da “Ferrovia da Morte” EFMM, também era conhecida assim, tinha 750.000 dormentes, estima-se a vinda de 20.000 trabalhadores. Calcula-se a morte de 8.000 a 10.000 porque não tinha como processar estatisticamente o número de mortos naquela época³. Porém, não calculou-se, o número de nativos mortos, povos milenares, ninguém fez estimativas sobre os extermínios.

³ Disponível em: <http://pt.slideshare.net/edsonaves-ro/efmm>. Acesso em: 10/02/2015 às 16h30min.

Continuando o relato de viagem de Tomlinson, conforme a tradução de Rocha (2014), final de janeiro de 1910, desembarcou, em Porto Velho, foi para o seu local de trabalho e um senhor perguntou se ele era a “vítima” que iria substituí-lo, termo usado devido a precária situação do lugar.

Pedro! Um nativo, cor de cobre, usando bermuda e um chapéu de palha largo, caminhou [*preguiçosamente*] em nossa direção. Este é seu empregado ele disse. Ele é um pouco demente, mas não é louco. (ROCHA, 2014, p. 254) [grifo meu].

Quando o tradutor/autor relata que o nativo anda preguiçosamente, entende-se lentamente, muito doente, com malária, o termo demente, deve-se aos graves sintomas da doença como: febre alta e tremores. O tratamento desumano ao nativo obrigado a trabalhar extremamente enfermo, e dias após falece.

O tradutor/autor continua seu relato, com o discurso preconceituoso de Tomlinson, sobre a cidade do outro. Era atrasada, não civilizada:

“Em volta das barracas desordenadas dos negros e dos trabalhadores nativos, eram construídas suspensas do chão para permitirem a ventilação, e que tinha uma vala em volta, fétida com esgoto e desgraças com mau cheiro [...] (ROCHA, 2014, p. 270).

Pêcheux (1975) explica o termo forma-sujeito para designar o sujeito afetado pela ideologia, o sujeito ideológico. “Concebe-se, assim, o sentido como algo que é produzido historicamente pelo uso e o efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas”. O discurso da submissão é direcionado ao oriental, ao negro, ao latino e também ao indígena, encontra condições e é sustentado. “O sujeito é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas”.

Rocha (2014) continua os comentários tomlinsonianos, sobre os indígenas, negros e caboclos, os inferiores, os impuros (mestiços):

Eram uns indivíduos moreno-claros, bem constituídos, fortes e nus. Os cabelos pretos de alguns deles eram encaracolados. Curioso não é? Mas ouvi dizer que no tempo da escravidão, os negros fugitivos chegavam até aqui, e os indígenas da floresta capturavam-lhes para melhorar seu tipo físico miserável. Os trabalhadores eram comparados a cães ágeis e fiéis (ROCHA, 2014, p. 308).

Rocha (2014) conta que o jornalista ficou furioso com os poloneses que fizeram motim. “Eles se recusavam a trabalhar, queriam alimentos mesmo sendo de má qualidade, queriam roupas, dinheiro, passagens para voltar, queriam que seus contratos fossem cumpridos, sentiam-se ludibriados e explorados:

Estavam morrendo de fome. Argui francamente com aquele homem, mas ele gritava e gesticulava. Naquilo as vozes de todos se ergueram em um tumulto violento, facas e machados brandindo na luz do sol. Numa indiferente e repentina ferocidade, não sabendo o que estava fazendo, peguei minha arma descarregada – eu não tinha munição – e marchei para cima deles[...]. (ROCHA, 2014, p. 260).

O tradutor/autor nos relata, que Tomlinson, com serenidade insensível, ao olhar poucos dias depois uma jangada, no rio Madeira com seis homens sem cabeças. O que ele chama de ataque fulminante dos selvagens, são nativos tentando, a qualquer custo, defender suas famílias e suas terras. Analisando o que Tomlinson chama de motim, eram apenas, reivindicações básicas, dos poloneses, para a sobrevivência em seu local de trabalho, a floresta amazônica. Pêcheux (1975) define que “as formações imaginárias se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação das relações de força e de sentido”. As imagens projetadas do europeu branco (raça superior), dotado de grande conhecimento científico, o herói, o desbravador, o conquistador e estrategicamente, o jornalista, preserva as imagens de ter o domínio da situação, sem uso da violência, sem matanças.

A produção de sentidos está sempre relacionada ao funcionamento das formações sociais, está articulado ao funcionamento da ideologia, à relação do Velho Mundo e Novo Mundo, o Brasil Amazônico não fala, falam sobre ele. Os europeus constroem discursos estereotipados com seu “outro”, ao mesmo tempo, apaga, exclui o “outro”.

Orlandi (1990) aborda a alteridade, termo aplicado por Lacan, do imaginário constituído por uma sociedade como a nossa:

Com a característica importante de que ao falar de nossas coisas, se ressaltam sempre as suas “particularidades” (singularidades). Resulta que nós brasileiros somos singulares. Somos singulares em relação a quê, a quem? A um padrão-lá. O outro europeu. O discurso da singularidade é o discurso da cultura (dominado pelo da “civilização”), que a historiciza. Fica sempre como se nós tivéssemos um “outro” O nosso é o português, o italiano, o francês etc. Como nos constroem uma história que somos apagados como



alteridade, somos apenas “singulares, temos “ particularidades”. Não somos o outro constitutivo porque não “somos” (seres históricos etc.) (ORLANDI, 1990, p. 48).

De acordo com a tradução de Rocha (2014) o trabalho seguia adiante. “O barco com as provisões não passou durante um mês. Estavam famintos, tinha muitos homens doentes, mas não tinha quinino. Os homens, indivíduos ágeis e fiéis como um cão, olhos pacientes ficavam esperando o auxílio dele, e ele iria falhar. Então, Tomlinson fez o inusitado, fez pílulas de farinha parecidas com quinino, para os pacientes com febre, tentando curá-los através da fé. A fome era tanta que tentaram fritar massa de trigo na banha. Ficaram em farrapos, eram como os espantalhos da floresta”. (ROCHA, 2014, p. 262)

Rocha (2014, p. 273) relata que Tomlinson, saiu ao longo da ferrovia para um passeio. “Em sua direção vinha um vagonete acionado lentamente. O vagonete parou e desceu um homem branco, um médico jovem e alegre, mascando a ponta de um charuto apagado, pediu-lhe fósforo. O médico conversou alguns minutos, enquanto os homens descansaram. Ele disse que era uma criança brasileira e já estava morta”. A morte era rotineira naquela região, não causava tanta comoção, era somente menos um.

Rocha (2014, p. 281) descreve o povoado de Santo Antonio, conforme Tomlinson, (atualmente não existe mais, no local há a Usina Hidrelétrica de Santo Antonio) que tinha apenas uma rua, havia duas fileiras de casas, construídas com barro, [...] sem portas, para ficarem mais arejadas. “Algumas garotas morenas ficaram nas aberturas das casas [...] seus olhos sorridentes, ao vê-los passar, estavam cheios de interesses neles”. Os comentários de Tomlinson revelam as imagens repetidas, nos relatos, sobre algumas mulheres do povoado, é machista e insinua vulgaridade.

No dia 10 de março de 1910, o “Capella”, deixa Porto Velho, rumo ao Atlântico, com destino à Tampa nos Estados Unidos. Chegando lá, embarcou no trem para Nova York e após dias e noites de viagem finalmente, chegou à Inglaterra.

Rocha (2014, p. 354) “em Londres, ele pôs seus pés justos e sólidos antes que o trem parasse; olhou para a multidão que ali esperava. Um jovem entusiasmado correu em sua direção, então parou timidamente. Ele pegou o garoto e o ergueu dizendo: “Eis o centro do mundo outra vez”.



Rocha (2014) finaliza o relato, mediante a prepotente visão etnocêntrica de Tomlinson, que julga os sujeitos amazônicos como inferiores, sustentando a hegemonia europeia, no seu discurso colonizador, ecoando, construindo e transmitindo sentidos, através dos tempos.

Rocha (2014) fez a tradução deste livro “*O Mar e a Selva: Relato de um inglês na Amazônia*”, com vocábulos regionais, proporcionando ao leitor amazônico (seu público alvo) fácil identificação. Significa também o resgate e a valorização da literatura local.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo mostrar a importância das Formações Discursivas entre o eu e o outro, nas literaturas de viagem, entender a ordem do discurso central versus periférica, o Velho Mundo e o novo mundo, também conhecido como terceiro mundo, onde está inclusa a Amazônia.

A visão dicotômica euro-centrista colonizador/colonizado que pela ideologia justificam a manutenção poder, em nome, do desenvolvimento, progresso, da civilização, imprescindíveis aos não civilizados e considerados inferiores. Viabilizar a Análise do Discurso na vertente da linha francesa, principalmente Pêcheux e outros colaboradores, que também fazem as reflexões, interpretações e teorizam sobre a complexidade do discurso e do que foi silenciado. A demonstração das diferenças entre o conhecimento superficial como analisar as “entrelinhas” de um texto ao mais aprofundado como analisar a Formação Discursiva do sujeito ideológico, em quais condições de produção, a formação imaginária e a formação ideológica são constituídas. Ao elucidar os princípios da Análise do discurso é relevante informar a incompletude do sujeito, o risco de estabilização, num imaginário em que memória estaciona. Só repete. É também por isso, que hegemonia social permanece e usa de todos os recursos possíveis para manter a relação de poder entre dominador/dominado.

O discurso histórico estabiliza a memória. Ao se negar, na ordem dos discursos, um discurso histórico no Brasil sobre o Brasil, ou seja, o estatuto memorável, se desqualifica o Brasil como lugar específico de instituição de sentidos. Produz-se um



discurso etnográfico, parte da história européia, esta sim como uma história, ou melhor a História, a verdadeira, a única.

A educação um dos instrumentos imprescindíveis à reconstrução da cidadania atuante. A dignidade pode ser restaurada através da valorização étnico-cultural, o incentivo aos escritores locais, readquirir suas identidades, recuperar suas memórias, restabelecer nas fronteiras o intercâmbio das línguas, culturas, comércio, conhecimentos modernos e tradicionais, enfim a educação pode reconstruir o mundo mais justo, sustentável. Não são sonhos, nem utopias, são tarefas árduas para a descolonização, lutas contra o capitalismo cruel.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. J. J. Moura Ramos, Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1970.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**: a história de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1987.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.

FRAGOSO, É. A. **Há separação entre língua e discurso?** Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.4, n.1, p.71, set/dez. 2014.

GOMES, Emmanoel. **Conhecimentos Regionais/História de Rondônia**, Disponível em <http://rondoniaemsala.blogspot.com.br/2012/10/historia-regional-de-rondonia.html>. Acesso em: 21/08/2015.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 2007.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Vol.I, Livro Primeiro: O Processo de Produção do Capital. Tradução de Regis Barbosa R. Kothe. Editora Nova Cultural, 1996.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, E.P. **Terra à Vista**. São Paulo, Cortez/Editora da Unicamp, 1990.



ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Identidade Linguística Escolar**. In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua (gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. P. 203-212.

ORLANDI, E. P. **História das idéias linguística**: Construção do saber metalinguística e Constituição da língua nacional / organizadora: Eni P. ORLANDI, Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unimat Editora, 2001.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 3ª edição, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulações e Circulações dos Sentidos. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

PÊCHEUX, M. (1975). *Lês Vérités de la Palice*, Maspero, Paris, trad. bras. **Semântica e Discurso**, E. Orlandi ET alii, Editora da Unicamp.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in) visível**: memórias de professoras negras em PVH no início do século XX. Tese (doutorado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araras.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro. **História regional**: Rondônia/ Porto Velho, Rondoniana, 2ª Ed. Porto Velho, Ed. ABG Gráfica e Editora, 2001.